

AS SUPLICANTES DE EURÍPIDES (87–262)

EVANDRO LUIS SALVADOR*

Universidade Estadual Paulista

Resumo. O presente trabalho é uma tradução livre da primeira parte do primeiro episódio da tragédia *As Suplicantes*, de Eurípides. Ele é seguido, também, de uma breve introdução à obra e uma análise da passagem traduzida.

Palavras-chave. Tradução; tragédia; Eurípides; *Suplicantes*.

D.O.I. 10.11606/issn.2358-3150.v17i1p42-53

APRESENTAMOS A TRADUÇÃO DA PRIMEIRA PARTE DO PRIMEIRO EPISÓDIO (vv. 87–262) da tragédia *As Suplicantes* de Eurípides, levada ao teatro de Dioniso entre 424 e 416 a.C.¹ O drama tem 1.234 versos e é uma alusão à composição do coro: anciãs argivas, mães dos chefes que morreram na expedição dos Sete chefes argivos contra Tebas. Elas viajam de Argos para Atenas com o objetivo de suplicar a Teseu a sua intercessão junto ao imbróglgio religioso-político envolvendo Tebas e Argos, pois Creonte nega a retirada dos corpos dos filhos mortos na guerra, impossibilitando que eles recebam as exéquias adequadas, conforme prevê o *nómos* dos deuses. Nesse sentido, o enredo sucederia a tragédia *As Fenícias*,² do mesmo dramaturgo, que aborda a luta fratricida entre Etéocles e Polínicos, comandantes dos exércitos tebano e ar-

* Doutor em Linguística/Letras Clássicas pela Unicamp e pós-doutorando em Linguística pela Unesp/FCL–Ar.

** Artigo recebido em 23.jul.2014 e aceito para publicação em 12.out.2014.

¹ É a tragédia que carrega consigo as maiores incertezas quanto à data exata de sua representação. Esse extenso arco temporal é calculado de acordo com as supostas alusões da tragédia a eventos contemporâneos, quer dizer, eventos instalados no decorrer da Guerra do Peloponeso. Por exemplo, o tema do resgate dos corpos dos combatentes argivos estaria relacionado à campanha militar de Atenas contra Tebas em Délion, no inverno (Novembro) de 424 a.C. Portanto, como as tragédias faziam parte de um evento que transcorria na primavera (Março), a data da dramatização d'*As Suplicantes* teria sido em 423 a.C. Considerando que existe uma "proposta" de paz no êxodo da tragédia, ela poderia se referir à paz de Nícias, em 421 a.C. e em seus desdobramentos posteriores. Grande parte dos estudiosos desta tragédia adotam o ano de 423 a.C. Para essa discussão, cf. Collard 1975 e Storey 2008.

² Considerando, neste caso, a produção dramática de Eurípides. O ciclo épico tebano terminaria com a morte dos dois filhos de Édipo, Etéocles e Polínicos, extinguindo a linhagem masculina dos Labdácidas, e com a vitória de Tebas sobre Argos. Esse é o enredo d'*As Fenícias*. Outros aspectos da guerra entre Etéocles e Polínicos estão presentes em Ésquilo (*Os sete contra Tebas*) e em Sófocles (*Antígona* e *Édipo em Colono*).

givo, respectivamente. Contudo, do ponto de vista cronológico, *As Suplicantes* foram levadas ao palco ateniense muito antes d'*As Fenícias*.

O prólogo da tragédia é dito por Etra, mãe de Teseu. Após uma breve invocação à deusa Deméter e aos serviçais do seu templo, ela invoca uma felicidade abrangente (para ela, para o filho, e para Atenas e Trezena), antevendo momentos delicados devido às circunstâncias que se lhe apresentam. Ela havia se deslocado de Atenas para Elêusis com o intuito de realizar o sacrifício pela graça de um momento agrário favorável (vv. 28–31)³ quando aparecem as suplicantes argivas que, num gesto misturando dor e desespero, abraçam-lhe os joelhos ostentando, também, o ramo de oliveira entrelaçado (v. 10), signos que regem a etiqueta do suplicante. O motivo da súplica é esclarecido: os tebanos, vencedores na guerra contra Argos, negam o resgate dos comandantes argivos que morreram diante das muralhas tebanas. Portanto, estão negando o direito sagrado ao sepultamento naquilo que se constitui uma clara ofensa aos costumes pan-helênicos. Esse é o ponto de partida da tragédia.

Não obstante o *páthos* já pungente pela presença das mães dos heróis mortos, às quais Etra mostra-se solidária por reverenciar o signo externo da suplicação, Adrasto também se apresenta como suplicante e é apresentado completamente aniquilado: ele tem a morte dentro de si e verte lágrimas de arrependimento por ter reunido um exército e liderado a sua marcha até Tebas para guerrear por seu genro Polinices, mesmo sabendo que a ocasião não lhe era propícia, pois o adivinho Anfiarau lhe predissera o malogro da expedição. Adrasto é, assim, a expressão retumbante do fracasso. Ele, contudo, investe contra Etra no sentido de que ela convença seu filho Teseu a tomar partido na empreitada de não só reaver os corpos, por meio diplomático ou belicoso, como também de prover e organizar as exéquias dos cadáveres.⁴

O primeiro episódio, assim, começa com Teseu chegando ao templo de Deméter e Cora, em Elêusis, atendendo ao chamado da mãe. Nesse re-

³ A Προνόσια se refere, provavelmente, ao momento em que os mistérios de Elêusis retornam para o santuário a partir do quinto dia, pois os quatro primeiros dias de celebração ocorrem em Atenas. As cerimônias, ocorridas nos fins de setembro e início de outubro (período correspondente ao inverno no hemisfério norte), são voltadas exclusivamente para as atividades agrárias de plantio e colheita de grãos.

⁴ Nos fragmentos que sobraram do ciclo épico tebano não há qualquer menção à presença e/ou participação de Atenas em qualquer episódio do ciclo. Muito provavelmente é uma inovação de Eurípidas. Por outro lado, Atenas é uma cidade que goza de boa reputação em relação à acolhida de suplicantes, haja vista que esse quadro é retratado em várias tragédias: *As Suplicantes* e *As Eumênides* de Ésquilo; *Édipo em Colono* de Sófocles; e *Heráclidas* de Eurípidas. Sobre o tema da cerimônia fúnebre como evento público/oficial, conferir Whitehorne 1986 e Toher 2001; para o reconhecido papel de Atenas como defensora dos “fracos”, conferir Danes 2011.

cinto sagrado estão Etra, Adrasto, chefe da expedição dos sete guerreiros mortos na guerra contra Tebas, as mães desses chefes e alguns dos filhos dos que morreram na guerra. A Adrasto cabe a difícil tarefa de ser o porta-voz das suplicantes.

Adrasto e Teseu travam um longo diálogo esticomítico e a inquirição de Teseu lembra, conforme Grégorie (1976, 85), “os interrogatórios dos sofistas e o método da inquirição que, sem dúvida, Sócrates começava a aperfeiçoar naquele momento”.⁵ É um escrutínio da verdade que ultrapassa as causas da guerra para alcançar valores morais e religiosos.

Adrasto desenrola sua demanda religiosa baseado numa argumentação política que descamba para uma pífia tentativa de mexer com o brio de Teseu enquanto rei de Atenas (vv. 186–92): antecipando-se a uma possível pergunta sobre o critério de escolha de Atenas para acomodar os suplicantes, Adrasto explica que buscou a ajuda da cidade ática porque Esparta não teria envergadura moral para tanto e as outras cidades não são suficientemente fortes para executar uma tarefa desse porte. Além disso, o perfil moral de Teseu enquanto ἐσθλός também entrou nessa “avaliação” geral quanto ao alvo a ser buscado. Adrasto apela à imagem de Teseu como o grande libertador e unificador da Ática, uma figura de caráter forte, de um humanismo extraordinário, sempre pronto para atender às demandas dos suplicantes e dos sofredores, conforme o próprio Teseu se autodefine nos versos 339–41.

Mesmo diante de todos esses argumentos arrolados por Adrasto como suporte ao exercício da súplica, Teseu rechaça todos eles com termos duríssimos num discurso (vv. 195–249), que entrelaça valores religiosos arcaicos com ideias contemporâneas. Ele retoma a concepção teológica e moral de Adrasto para tecer uma crítica feroz, demonstrando que a argumentação de Adrasto não somente não surtiu o efeito esperado, como também constitui-se de uma infeliz ingenuidade. De acordo com Mastronarde (1986, 203):

A visão de Teseu é aquela que o funcionamento do mundo é completamente inteligível, que os deuses providenciaram todos os recursos necessários para o sucesso e felicidade humanas, que o percurso do fracasso e miséria humanas pode ser simplesmente analisado e o erro claramente atribuído [...] Teseu assim combina um respeito tradicional aos deuses e às suas maneiras [...] com uma visão moderna do progresso humano e um eco moderno da clareza analítica.⁶

⁵ “... les interrogatoires des sophistes et la méthode de l’ἔλεγχος, que, sans doute, Socrate commençait alors à perfectionner.” A tradução é nossa.

⁶ “Theseus’ view is that the workings of the world are fully intelligible, that the gods have provided all the resources necessary for human success and happiness, that the course of human failure and misery can be simply analyzed and fault clearly ascribed. [...] Theseus thus combines

A concepção religiosa defendida e propagada por Teseu recupera tons arcaicos, mas estes são submetidos ao exame analítico da razão, que categoriza e ordena os fenômenos naturais, religiosos e políticos para acomodá-los numa plataforma de vida menos tumultuada. Teseu recupera sequencialmente pontos da *esticomitia* e os amplia segundo a sua perspectiva “moderna”⁷ de análise dos eventos para demonstrar que Adrasto se equivocou completamente. Muito mais do que isso: tudo poderia ter sido evitado com um exame minucioso empreendido pelo uso da razão. Se Adrasto se queixa das desgraças atuais, ele encontra as razões disso em suas próprias ações.

O primeiro equívoco de Adrasto (οὐ σοφὸς γεγώς, v. 219) está na interpretação enviesada da mântica oracular que lhe veio de Apolo, segundo a qual ele deveria casar suas duas filhas com um javali e com um leão (v. 140). Qual pai casaria suas filhas com dois exilados amaldiçoados que se engalfinharam logo no primeiro encontro, que não eram *phíloi*, culminando numa mistura de sangue impuro com sangue puro? Adrasto apressadamente interpretou os vaticínios de Apolo conforme uma vontade particular.

N’outro caso, segundo Teseu, Adrasto cometeu um segundo erro porque não confiou na predição do profeta Anfiarau, um instrumento que os deuses nos enviam para desvendar as coisas recônditas e que escapam à nossa imediata compreensão do funcionamento do mundo (vv. 211–13). Na verdade, Adrasto agiu convenientemente em ambos os casos. Além disso, foi levado pela empolgação ao endossar a expedição de jovens impetuosos e audaciosos.⁸ Essa somatória de causas produziu a derrota dos argivos e todos os sofrimentos subsequentes, pelos quais Adrasto está, agora, diante de Teseu. Em suma, o rei de Atenas exigiu que Adrasto tivesse tido “uma reflexão mais objetiva dos fatos, uma atitude mais eficaz, considerando que ele também é um líder, um chefe, mais condizente com a de um *homo politicus* do século v” (Hirata 2002, 16).

Na condição de líder político de Atenas e não querendo ser acusado de impiedade perante uma demanda religiosa, o ápice da argumentação (vv. 247–49) de Teseu encontra respaldo na particularidade do sistema político de Atenas.

traditional respect for the gods and their ways [...] with the modern view of human progress and a modern-sounding analytic clarity.” A tradução é nossa.

⁷ Conferir também Shaw 1982, Lloyd 1992, Bers 1994, Jiménez 1995, Allan 1999/2000, Mastronarde 1986.

⁸ Há um interessante contraste na tragédia entre os jovens e os mais velhos e isso se constitui numa interessante via de análise que perpassa toda a tragédia. Uma delas, calcada na tendência dos jovens à *hýbris*, pode ser encontrada em Michelini 1994.

Enfim, Teseu baseia sua recusa à súplica de Adrasto em princípios morais, religiosos, éticos e políticos. A súplica, então, perdeu o “sentido totalmente religioso e assume um caráter racional. O suplicante é julgado antes de ser atendido” (Hirata 2002, 17).

Colocando, então, sua inteligência e sua retórica acima das questões ligadas ao sofrimento humano de amplitude universal, Teseu cria um impasse aparentemente insolúvel. Subjacente ao impasse, há o confronto entre o velho e o novo, entre os valores arcaicos e tradicionais de um comportamento religioso e os valores contemporâneos de uma ideologia que postula um reexame daqueles valores mediante uma análise racional da realidade. O escrutínio de Teseu e o exame das bases arcaicas da religiosidade e da moral o associam a um novo tipo de personagem no cenário cultural da Atenas da metade do século v a. C., ou seja, a aparição de jovens inteligentes que usaram o método sofisticado para desconcertar as mentes presas a uma concepção mais tradicional. Percebe-se a infiltração de conteúdos e práticas estritamente não-poéticas nas bases elementares do material poético e isso, de acordo com Bers (1994, 179), “é de uma severidade surpreendente, pois agir desse modo prejudicaria as noções mínimas de continuidade requerida para um drama. Um personagem trágico é, no todo, esperado para agir a partir de um motivo básico”.⁹ Scodel (1999/2000, 131) move-se nesse mesmo sentido quando afirma que “os personagens de Eurípidés, quando agem, ostentam sua competência além dos limites exigidos pela audiência dentro do mundo dramático [...] o personagem não reconhece sua própria ficcionalidade”.¹⁰

Adrasto e as mulheres do coro demonstram esse choque entre o antigo e o novo, pois não esperam um negativa dessa magnitude. O rei de Argos rebate¹¹ o rei de Atenas por sua frieza racional alegando que não viajou até Atenas à procura de um juiz (δικαστής¹² no verso 253) e sugere uma ati-

⁹ “...is hardly surprising, for to do so would jeopardise the minimal notions of continuity needed for a drama. A tragic character is, on the whole, expected to act from some basic motive.” A tradução é nossa.

¹⁰ “Euripidean characters, when they perform, display their competence beyond the limits required by their audience within the dramatic world [...] the character does not acknowledge its own fictionality.” A tradução é nossa.

¹¹ Como nota Ferreira (1986, 91-2), Adrasto não “consegue, minimamente sequer, influir na determinação do rei de Atenas que, pelo contrário, de modo agreste e repassado de ironia, o convence de inconsequência e leviandade nas decisões e atuações”. Scodel (1999/2000, 139-40) aponta que, do ponto-de-vista da performance verbal, Adrasto falha porque não se adequou ao “espírito” do tema, pois o mesmo argumento usado por ele será retomado por Etra, mas com eficiência persuasiva.

¹² Uma prova da falta de simpatia entre Adrasto e Teseu, mas que encerra uma dose de ironia: o rei julgou a demanda de Adrasto no registro do gênero de oratória judiciária, quando era apenas um pedido de ajuda.

tude de extremo desespero, mas que tem um simbolismo grave: a deposição dos ramos e o abandono do recinto sagrado. Ao carregar os ramos típicos da instituição do suplicante, Adrasto espera adquirir proteção da cidade ou da pessoa, estabelecendo o princípio de um vínculo entre suplicante e suplicado, o que, numa perspectiva religiosa, resulta em benefícios para a pessoa e para a cidade. Depondo os ramos, sobretudo num lugar sagrado, de extremo simbolismo pela conexão temática entre mães humanas e a deusa-mãe Deméter, o suplicante está declarando que a sua súplica falhou, que ela foi solenemente ignorada, apesar de todos os recursos empregados, e que ele está sem proteção e em desvantagem. É uma das atitudes mais ímpias nessa esfera.

O primeiro episódio é, digamos assim, essencialmente dialético em sua primeira parte. Adrasto e Teseu são figuras lendárias antigas e representam linhas de pensamento e religiosidade díspares num primeiro momento. O choque e a tensão entre elas flutuam na primeira parte do primeiro episódio e criam uma perspectiva insolúvel, não fosse Etra, outra figura lendária, mãe de Teseu, a colocar as questões abordadas em seus devidos lugares.

Uma nota à tradução: trata-se de uma tradução em prosa, livre, mas estruturada em versos que correspondem, na medida do possível, aos versos gregos. Adotamos como texto base a edição de James Diggle (1981), mas consultamos outras edições com particular interesse nos comentários, tais como a de Collard (1975), de Ammendola (1922) e de Paley (2010); consultamos as traduções de Coleridge (1938), Gregoire (1976) e Ferreira (2012).

PRIMEIRO EPISÓDIO: PRIMEIRA PARTE (87-262)

- Teseu* De quem ouvi lamentos, o estrépito dos peitos
e os trenos fúnebres, ecos vindos do templo
de Deméter? Como o medo me faz imaginar
que algo ruim esteja acontecendo com minha mãe, 90
a quem procuro há muito desde que saiu do palácio.
Ei!
- O que sucede? Vejo novos ensejos para palavras,
a velha mãe postada junto ao altar
e também mulheres estrangeiras,
que expressam múltiplas dores: dos venerandos 95
olhos escorrem até o solo uma lágrima dorida,
têm cabelos tosados e mantos não festivos.

- Por que isso, mãe? O informar é tua tarefa;
a minha, o ouvir: pois antevejo algo ruim.
- Etra* Ó, filho, estas aqui são as mães dos generais, 100
Os sete filhos que estão mortos nas adjacências
das portas Cadmeias: com ramos de suplicantes
sitiam-me, em círculo, como estás vendo, filho.
- Teseu* E quem é este que miseravelmente chora na entrada?
- Etra* Adrasto, como o chamam, rei dos argivos. 105
- Teseu* E as crianças¹³ que o cercam? Acaso são seus filhos?
- Etra* Não, são filhos dos cadáveres que perecem.
- Teseu* E por que vieram até nós com mãos suplicantes?
- Etra* A razão sei, mas agora a narrativa é deles, filho.
- Teseu* Interrogo a ti, que tens a face velada. 110
Desvela o rosto, engole o choro e fala:
Pois nada chega a seu termo a não ser pela palavra.
- Adrasto* Ó glorioso senhor da cidade dos Atenenses,
Teseu, venho como teu suplicante e de tua cidade.
- Teseu* Esperando pelo quê e tendo necessidade de quê? 115
- Adrasto* Conheces a desastrosa expedição que liderei.
- Teseu* Sim, pois não percorreste a Hélade em silêncio.
- Adrasto* Lá arruinei a vida dos bravos guerreiros argivos.
- Teseu* A guerra imprudente produz tal resultado.
- Adrasto* Fui à cidade reclamar esses mortos. 120
- Teseu* Confiado nos arauto de Hermes, para dar exéquias aos mortos?
- Adrasto* E eis que os assassinos não mo permitem.
- Teseu* Alegam o quê, uma vez que a tua demanda é sagrada?
- Adrasto* O quê? Os afortunados não sabem manter o sucesso.
- Teseu* Então me procuras como conselheiro? O que queres, afinal? 125
- Adrasto* Desejo que tu, Teseu, resgate os filhos dos argivos.
- Teseu* E onde está vossa Argos? Ou as fanfarrices foram em vão?
- Adrasto* Saímos derrotados e apelamos a ti.
- Teseu* Isto é uma decisão sua ou da cidade inteira?
- Adrasto* Todos os filhos de Dânao suplicam <te> para enterrar os mortos? 130
- Teseu* Por que liderastes as sete tropas contra Tebas?

¹³ São os Epígonos.

- Adrasto* Para prover um favor aos meus dois genros.
- Teseu* E com quem dos Argivos casastes tuas filhas?
- Adrasto* Fiz uma aliança doméstica com forasteiros.
- Teseu* Ofereceste as donzelas argivas para estrangeiros? 135
- Adrasto* <Sim> para Tideu e para Polinices, nativo de Tebas.
- Teseu* Movido por qual desejo esta aliança foi forjada?
- Adrasto* Os oblíquos enigmas de Febo me iludiram.
- Teseu* E o quê disse Apolo sobre o casamento das donzelas?
- Adrasto* Casar minhas duas filhas com o javali e o leão 140
- Teseu* E tu interpretaste como o dito oracular?
- Adrasto* Os dois chegaram foragidos, à noite, ao meu pórtico...
- Teseu* Dize quem é um e quem é o outro, pois mencionaste uma dupla!
- Adrasto* Tideu e Polinices, que se engalfinharam no mesmo instante.
- Teseu* E assim para estes deste tuas filhas como para feras? 145
- Adrasto* Sim, dois animais selvagens pareciam se atacando.
- Teseu* Por qual razão chegaram como imigrantes?
- Adrasto* Tideu fugiu porque verteu sangue fraterno.
- Teseu* E o <filho> de Édipo, por qual razão deixou Tebas?
- Adrasto* Para que não matasse o irmão, conforme maldição paterna. 150
- Teseu* Ao menos sábio este exílio voluntário, conforme disseste.
- Adrasto* Mas o que permaneceu no trono o tratou injustamente.
- Teseu* Destarte o irmão não o despoja de seus bens?
- Adrasto* Fui reivindicá-los e, então, me arruinei.
- Teseu* Consultaste adivinhos e viste a queima das oferendas sacrificiais? 155
- Adrasto* Ai de mim: tocaste no ponto em que eu mais falhei.
- Teseu* Não foste, como parece, com a benevolência dos deuses.
- Adrasto* Mais que isso: contra a vontade de Anfiarao fui.
- Teseu* E assim, ligeiramente, desconsideraste a divindade?
- Adrasto* Causou-me comoção o clangor dos jovens varões. 160
- Teseu* Deste valor ao ímpeto ao invés da prudência.
- Adrasto* [o que fatalmente fez perder muitos comandantes.]
 Enfim, ó líder mais poderoso da Hélade,
 soberano de Atenas, sinto-me envergonhado,
 prostrando-me no solo, para circundar teu joelho, 165
 eu, um velho, que antes fui um governante próspero,
 mas me é necessário ceder aos infortúnios presentes.

Resgata os cadáveres e apieda-te de meus males,
bem como destas mães cujos filhos estão mortos,
cuja velhice encanecida chegará sem os filhos, 170
e que suportaram vir aqui e pôr o pé estrangeiro
quando a muito custo os membros ainda se movem.
Estão aqui não como iniciantes aos mistérios de Deméter,
mas para prover as exéquias aos mortos, por cujas mãos
elas deveriam ser sepultadas quando chegasse o momento. 175
É prudente ao afortunado observar o indigente,
e o indigente contemplar os afortunados, imitando-os,
para que ele cultive em si o amor pelas riquezas
e que os não desventurados temam o infortúnio.
< >
É prudente que o menestrel componha os cantos 180
regozijando-se: e se não se emociona com
sua composição, porque sofre internamente,
de fato não encantará a platéia: pois não há o mote.
Então, rápido, argumentarias: se és vizinho da terra de Pélops,
por que imputas esta tarefa para Atenas? 185
Eu sou justo no que concerne a esse tema;
Esparta, por um lado, é rude e é afeita a dissimulações,
e, por outro, as outras são pequenas e fracas: mas tua cidade,
tão-somente ela, seria capaz de cumprir esta tarefa.
Pois é atenta às infelicidades e tem na tua figura 190
jovial um corajoso comandante: razão pela qual
muitas cidades pereceram, carentes de um comandante.

Coro Digo o dito a ti também,
Teseu: por compaixão, acolhe nossos sofrimentos!

Teseu Esforcei-me contra os demais combatendo 195
o argumento seguinte: alguém disse que para os homens
há males em maior número do que coisas boas.
Contra estes eu atesto a seguinte máxima:
Para os mortais, a bondade abunda mais do que a maldade.
Se assim não o fosse, não estaríamos vendo a luz do sol! 200
E agradeço aquele deus que apartou nossas vidas
de um estado de confusão e bestialidade,
após incutir-nos primeiro a sagacidade e, em seguida, mensageira
das palavras, ter dado a língua, a fim de distinguirmos os sons,
e o alimento frutífero e para ele as gotas úmidas 205
vindas do céu para que isso tudo possa brotar da terra e umidecer
o seu ventre: para além dessas coisas, da estação fria
nos forneceu abrigo < e > nos protegeu do calor ardente do deus;
ensinou-nos a navegação pelo mar para que tivéssemos

intercâmbio uns com os outros dos produtos que a terra possa fornecer.
 E aquilo que não é vistoso e não compreendemos claramente,
 observando o fogo, as arestas das vísceras
 e o vôo dos pássaros, os adivinhos nô-lo desvelam.
 Acaso não somos petulantes, já que a divindade
 nos forneceu tais instrumentos, para os quais elas não bastam? 215
 Mas a sagacidade busca ser mais superlativa do que a da divindade,
 e quando adquirimos confiança em nossa alma
 parecemos ser mais sábios do que os deuses.
 Tu te mostras pertencente a essa categoria, não sendo prudente,
 quem, em primeiro lugar, após ter caído nos ditos de Febo, 220
 deste as filhas para estrangeiros como se ofertados pelos deuses;
 e, depois, misturando tua ilustre casa com sangue impuro
 dilaceraste a família: é necessário que o sábio pessoas justas
 não misture com as injustas, mas procure adquirir
 pessoas bem-aventuradas para trazer à sua casa. 225
 Dessa forma o deus, presidindo os mesmos destinos,
 arruinou completamente com sofrimentos daquele
 que é insano o não insano e que não foi injusto.
 Agregando todos os argivos numa expedição,
 mesmo contrariando as predições de um adivinho, 230
 confrontando violentamente os deuses, arruinaste a cidade;
 Foste seduzido por jovens que se comprazem pela glória
 e insuflam as contendas sem consideração pela justiça,
 arruinando cidadãos: um para comandar;
 outro, para cometer violências ao pôr as mãos no poder; 235
 um terceiro, ainda, por avareza, não observando
 se o povo é prejudicado e sofre com tais comportamentos.
 Há três classes de cidadãos: uns são opulentos
 e inúteis e sempre desejam possuir mais e mais;
 outros, não possuindo bens e carentes de meios de vida, 240
 são perigosos: permanecendo por longo período na inveja,
 lançam aguilhões letais contra os opulentos,
 deixando-se seduzir pela lábria dos chefes desonestos.
 Das três classes, o meio termo é a salvação das cidades,
 ao zelar pela ordem que a cidade eventualmente estatua. 245
 Diante disso, eu devo me tornar teu aliado nesta luta?
 Que bela justificativa devo alegar aos meus concidadãos?
 Vai-te, pois me despeço: se não tomaste uma decisão correta
 † não somos obrigados a suportar um peso excessivo †
Coro Ele errou: pois os jovens estão sujeitos a isso 250
 e é necessário ter tolerância para com ele.
 [Vimos porque és médico destes males, soberano.]

Adrasto Certamente não te escolhi como juiz dos meus infortúnios,
 nem, se encontro-me na condição de ter feito algo errado,
 te escolhi como fiscal e punidor destes males, soberano, 255
 mas para que me ajudasses. Mas se não o queres,
 cumpre me conformar à tua decisão: devo sofrer mais o quê?
 Ide, ó anciãs, marchai, abandonando bem aqui
 a ramagem vicejante, frondosamente coroada,
 invocando os deuses, a terra, a deusa porta-tocha 260
 como testemunha – Deméter – e também a luz do sol,
 de que as preces aos deuses em nada foram suficientes a nós.

REFERÊNCIAS

- Allan, W. 1999/2000. "Euripides and the Sophists: society and theatre of war." In *Euripides and tragic theatre in the late fifth Century*, edited by David Sansone, 145–56. Illinois: Stipes Publishing.
- Ammendola, G. 1922. *Le Supplici di Euripide*. Palermo: Remo Sandron.
- Bers, V. 1994. "Tragedy and Rhetoric." In *Persuasion: greek rhetoric in action*, edited by Ian Worthington, 176–95. Londres: Routledge.
- Coleridge, E. P. trans. 2014. *Euripides: The Suppliants*. Adelaide: The University of Adelaide Library.
- Collard, C. 1975. *Euripides' Supplices*. Groningen. 2 vol.
- Danes, J. 2011. "The Political Thought of the Suppliant Women." *Graeco-Latina Brunensia* 16:17–30.
- Diggle, J. 1981. *EVRIPIDES: FABVLAE*, vol. 2. New York: Oxford University Press.
- Ferreira, J. R. 2012. *As Suplicantes*. Porto Alegre: Movimento.
- Ferreira, J. R. 1985/1986. "Aspectos políticos nas Suplicantes de Eurípidés." *Humanitas* (Coimbra) 37/38:87–121.
- Grégoire, Henry et Louis Parmentier, trad. 1976. *Euripide: Héraclès, Les Suppliantes, Ion*. Paris: Les Belles Lettres.
- Hirata, F. Y. 2000. "O saber de Teseu n'As Suplicantes de Eurípidés." *Synthesis* 9:11–20.
- Jiménez, A. P. 1995. "La imagen de Teseo en Las Suplicantes de Eurípidés." In *De Homero a Libanio: Estudios actuales sobre textos griegos*, editado por J. A. López Férez, 145–61. Madrid: Ediciones Clásicas.
- Lesky, A. 1971. *A Tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva.
- Lloyd, M. 1992. *The Agon in Euripides*. Oxford: Clarendon Press.
- Mastrorarde, D. 1986. "The optimistic rationalist in Euripides: Theseus, Jocasta, Teiresias." In *Greek tragedy and its legacy: essays presented to D. J. Conacher*, 201–11. Calgary: University Press.
- Michelini, A. N. 1994. "Political themes in Euripides' *Suppliants*." *The American Journal of Philology* 115(2):219–52.
- Michelini, A. N. 1997. "Alcibiades and Theseus in Euripides' *Suppliants*." *Colby Quarterly* 33(2):177–84.

- Paley, F. ed. 2010. *Euripides: Supplices*. Cambridge: University Press.
- Ribeiro, J. L., trad. 2012. *Eurípides: As Suplicantes*. Com introdução e notas. Porto Alegre: Movimento, 2012.
- Scodel, R. 1999/2000. "Verbal performance and Euripidean Rhetoric." In *Euripides and tragic theatre in the late fifth Century*, edited by David Sansone, 129–44. Illinois: Stipes Publishing.
- Shaw, M. H. 1982. "The ἦθος of Theseus in 'The Suppliant Women'." *Hermes* 110:3–19.
- Storey, I. C. 2008. *Euripides: Suppliant Women*. London: Duckworth.
- Toher, M. 2001. "Euripides' 'Supplices' and the social function of funeral ritual." *Hermes* 129:332–43.
- Whitehorne, J. E. G. 1986. "The Dead as Spectacle in Euripides' 'Bacchae' and 'Supplices'." *Hermes* 114:59–72.
- Wildberg, C. 1999/2000. "Piety as service, epiphany as reciprocity: two observations on the religious meaning of the Gods in Euripides." In: *Euripides and tragic theatre in the late fifth Century*, edited by David Sansone, 235–56. Illinois: Stipes Publishing.



Title. Euripides' *Suppliants* (87–262)

Abstract. This present work is a free translation of the first part of the second episode of Euripides' *Suppliants*. This translation is followed too by a brief introduction to the work and an analysis of the translated passage.

Keywords. Translation; tragedy; Euripides; *Suppliants*.